

SOPA DE TARTARUGA

Je t'aime Paris

ANA MELO

(2017)

Tradução: Carol Vidotti e Malú Bazán

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “HISTÓRIAS DE NOSSA AMÉRICA”, contemplado pela 35ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

SOPA DE TARTARUGA – Je t'aime Paris

Dia 27 de janeiro de 2021 – 20h
Leitura feita remotamente via plataforma Zoom.

FICHA TÉCNICA

Dramaturgia: Ana Melo (Venezuela)

Direção: Rudifran Pompeu

Tradução: Carol Vidotti e Malú Bazán

Elenco: Abel Xavier, Carol Vidotti, Fábila Mirassos, Mauriceia Rocha, Ton Ribeiro e Wallyson Mota

Projeto Gráfico: Alexandre Caetano – Oré Design Studio

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Assistente de Produção: Melina Marchetti

Produção: Carol Vidotti e Wallyson Mota

Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br

labirinto.contato@gmail.com

@coletivo.labirinto



PERSONAGENS:

MASSIMO

SUZANA

LAURA

ALEX

LORENZO

CARMEM

ANA

2 GARÇONS

Em um bar de Paris, bonito, decorado com muito estilo, vemos três mesas.

Em uma estão Massimo e Suzana; em outra, Laura e Alex; na terceira estão Carmem e Ana.

Dois garçons vão de cá para lá, servem bebidas, entram, saem.

ATO I. Soupe à la tortue.

MASSIMO: *(Ao garçom).* Coq au vine, s'il vous plaît. Você quer vinho tinto ou branco?

SUZANA: Melhor tinto para acompanhar o frango, não é?

MASSIMO: Sim.

SUZANA: Como foi a conferência?

MASSIMO: Maravilhosa, a viagem entediante, chegando em Washington nos instalaram em um hotel mediano. Mas eu não me importo com isso, contanto que eu tenha um bom livro, posso passar um mês dormindo numa maca.

SUZANA: Imagino.

MASSIMO: Você está linda.

SUZANA: Obrigada.

MASSIMO: Não, é verdade, parece uma princesa árabe. Só falta a burca. Deixa eu ver suas mãos. *(Ela mostra as mãos).* Pintou as unhas!

SUZANA: Sim, de vermelho.

MASSIMO: Magenta.

SUZANA: Que?

MASSIMO: Não é vermelho, é magenta.

SUZANA: Pra mim parece vermelho.

MASSIMO: É magenta. *(Pausa. Chega o vinho)*. Você quer falar?

SUZANA: Agora?

MASSIMO: Sim, claro.

SUZANA: Bom...não sei. *(Pausa)*. Quando eu era pequena morava em uma casa. Éramos muitas mulheres: minha avó, minhas tias, minha mãe. Minha avó gostava de orquídeas, colecionava. O quintal tinha muitas flores e havia uma tartaruga que não fazia nada. Sério, é uma vida inútil a das tartarugas; estão lá, suportando o casco, aquela enorme concha para sobreviver, não fazem nenhum barulho. Os gatos miam, os cachorros latem. Às vezes olhava pra ela e pensava: que som pode fazer uma tartaruga? Andava lentamente, com aquele ar obstinado. Parecia tão forte, no entanto, numa estupidez qualquer ficava de barriga pra cima e então alguém tinha que salvá-la. Você sabia que se elas ficam muito tempo de barriga pra cima, morrem?

MASSIMO: Claro.

SUZANA: *(Bebe rapidamente)*. Quero outra taça de vinho. Bom, mas então você lia no hotel...

MASSIMO: Sim, bom, foi realmente emocionante. Imagina, pela primeira vez ondas gravitacionais podem ser vistas. O velho Einstein era genial, bem, embora ainda seja polêmico...Isso abre um debate, mas sem dúvida é um grande passo para a astrofísica. Foi uma grande conferência. As ondas gravitacionais sempre estiveram ali, mas só agora pudemos vê-las. Quantas coisas devem estar acontecendo por aí sem que possamos ver...Este seu decote me mata, estou louco pra chegar em casa.

SUZANA: E eu louca por outro vinho. *(Pausa)*

MASSIMO: Isso está parecendo quase um encontro normal. Quase esqueço que estamos aqui para conversar sobre algo.

SUZANA: É, verdade. Escuta...Você sabia que aquela tartaruga que te falei continua viva? O que você acha disso?

MASSIMO: Acho que as tartarugas tem uma vida longa.

SUZANA: Ah, e não consigo lembrar o nome.

MASSIMO: Bom, que nome se pode dar à uma tartaruga?

SUZANA: Lucas?

MASSIMO: Isso é nome de gato!

SUZANA: Toby?

MASSIMO: Cachorro.

SUZANA: Lorenzo.

MASSIMO: Lorenzo é um pássaro, percebe?

SUZANA: Olímpia, se chamava Olímpia. É mulher.

MASSIMO: Como você soube que era mulher?

SUZANA: Intuição.

MASSIMO: A intuição não existe.

SUZANA: Sim, existe.

MASSIMO: Ninguém nunca a viu.

SUZANA: Nem as ondas gravitacionais, e veja só...

MASSIMO: A pedra cai, mas a lua não.

SUZANA: Outro vinho, por favor!

Em outra mesa no mesmo bar.

LAURA: É impossível usar este vestido com sutiã.

ALEX: Está bom assim, eu gosto.

LAURA: Dá pra ver?

ALEX: O que?

LAURA: Que estou sem sutiã.

ALEX: Não dá para perceber, mas eu gosto de imaginar que está sem. *(Brinca)*. Senhor garçom, sabia que minha esposa está sem sutiã?

LAURA: *(Divertida)* Cala a boca! *(Percebem Lorenzo entrando no bar, um homem de meia-idade, vestido impecavelmente)*. Olha, ali. Parece um mafioso.

LORENZO : *(Aproximando-se da mesa)*. Caramba, aqui estão: o homem inteligente e a mulher bonita.

ALEX: *(Brinca)*. Como assim? Quem dizer que eu não sou bonito?

LAURA: *(Sarcástica)*. Não, quer dizer que eu não sou inteligente.

LORENZO: Não me entenda mal.

LAURA: Não, não me entenda mal o senhor.

ALEX: *(Envergonhado)*. Laura!

LAURA: *(Seca)*. Alex, é uma piada, Lorenzo é um homem com senso de humor.

LORENZO: *(Tentando esconder o desconforto)*. Sim, claro! *(A Alex)*. Você tem uma esposa adorável...

LAURA: E eu, um marido inteligente. *(Risadas tensas)*

LORENZO: Já pediram algo do menu?

ALEX: Não, só vinho.

LORENZO: Bom, então vou no vinho primeiro para abrir o apetite. *(Faz um sinal ao garçom para que traga vinho)*. Estou muito contente que estejam aqui. Sabe, daqui a pouco eu tenho que viajar para Argentina, mas não queria ir sem estabelecer um contato de trabalho com você, Alex, que é um cara brilhante, ah, e claro que contigo também... é...

ALEX: Laura.

LAURA: Sim, eu imagino.

LORENZO: Eu li de novo a sua reportagem. É realmente brilhante, muita completa e nada fácil, você sabe? Entrevistar um chefe do Cartel das Tartarugas não é algo que qualquer jornalista consiga fazer sem se meter em encrencas, encrencas de todo tipo... Não é? Éticas--

LAURA: Pelétipas, pelem pempéticas...*

LORENZO: E você, Laura, o que está fazendo agora?

LAURA: Bom, eu estou—

ALEX: Comentei com você que Laura é escritora? Escreve contos. E, bom, como te disse, estive comigo me ajudando na matéria do chefe do...

LORENZO: Excelente matéria. Saúde!

ALEX E LAURA: Saúde!

LORENZO: Ao homem que entrevistou o chefe mais da pesada do Cartel das Tartarugas. O que você acha, Laurinha?

LAURA: Encantador.

LORENZO: Me dão licença um momento. Vou ao banheiro. *(Levanta e esbarra em Carmem, que está voltando do banheiro)*.

Carmem vai até a mesa onde está Ana, se senta e retoma a conversa.

CARMEM: *(Fala rápida e atropeladamente)* O que eu estava falando? Ah! Bom, e ele me disse “e você que viajava duas vezes por ano pra fazer suas falcatruas e aumentar sua cota?*” Eu respondi: sim, e? Invejoso você, que não aproveitou quando podia, agora está falido”. É que eu já estava de saco cheio... que isso era a mesma coisa que ser uma delinquente, que eu saqueava o país...Ai, por favor, um país que vive roubando da gente, onde todos estamos traumatizados. Você não sabe o que é viver com medo, com fome... E mais, se ainda fosse você que me dissesse isso, eu até aceitaria porque você já está aqui há sete anos e já perdeu a noção da realidade de lá.

ANA: Bom, nem tanto, eu --

CARMEM: Mas ele? Ele que --

ANA: Devia estar com ciúmes, talvez o problema fosse que ele não queria que você tirasse férias sozinha e inventou mil desculpas para que você não viajasse.

CARMEM: Bom, pior para ele, porque terminamos, não dei conta da falta de sensibilidade social dele.

ANA: Ou melhor, do excesso de sensibilidade social dele.

CARMEM: Tanto faz.

ANA: Vai pedir alguma coisa?

CARMEM: VINHO, VINHO, VINHOOOOO!! Escuta...te contei que vinho está caríssimo na Venezue--

ANA: Sim, umas vinte vezes.

CARMEM: A propósito, trouxe uma coisa pra você.

ANA: É? Mas para que se deu ao trabalho? *(Para o garçom)*. Deux verres de vin s’il vous plaît....Merlot!

CARMEM: Está aqui, na minha bolsa. (*Em um suspense histriônico, como quem está prestes a fazer uma grande surpresa, ela tira de sua grande bolsa uma garrafa de Cocuy Lara**).

ANA: Obrigada!

CARMEM: Já experimentou?

ANA: Na verdade, não...

CARMEM: Ai, meu amor, não sabe o que está perdendo. Isso agora é o máximo por lá.

ANA: (*Tentando ser gentil*). Pois agora experimentarei..

CARMEM: (*Ressentida*). Tá vendo como já perdeu a noção? De como se vive...?

Imagina que agora tem até uns lugares lindos e muito artesanais onde fazem degustações de cocuy...servem com gengibre, com rapadura, com hibisco...uma delícia. Este que trouxe pra você é com acerola. Experimenta e me conta...

ANA: Com certeza, Carmem.

Luz sobre a mesa de Massimo e Suzana.

MASSIMO: Sério, é alucinante: desde a expansão do Universo até o movimento dos planetas e a existência dos buracos negros--

SUZANA: Sim, mas as ondas gravitacionais...

MASSIMO: São essencialmente as ondulações de energia que distorcem a estrutura do tempo e do espaço, qualquer objeto com massa poderia produzi-las.

SUZANA : Incluindo a gente?

MASSIMO: Sim, mas quanto maior a massa e mais amplo o movimento, maiores são as ondas...Einstein previu que o universo estava cheio delas.

SUZANA: Bom, então no fim, não somos tão diferentes.

MASSIMO: Diferentes do que?

SUZANA: Do universo, dos corpos celestes, funcionamos exatamente igual, produzimos nossas ondas de gravidade e tudo isso da energia, e os buracos negros...

MASSIMO: *(Olhando-a de cima a baixo)*. Falando em buracos negros: estou louco mesmo para chegar em casa. *(Pausa)*. No entanto, eu ia esquecendo que estamos aqui porque você quer me dizer uma coisa. Parecia algo sério quando falamos ao telefone...O que foi? Você está me torturando... Está fugindo do assunto? *(Pausa)*. Suzana?

SUZANA: Sabe? Penso muito na minha casa, na rua onde eu virava a esquina para chegar nela, em todas aquelas árvores velhas...quando chovia, caíam uns galhos que podiam te matar...Eu gostaria de esquecer tudo, te juro, eu odiava a tartaruga, não é nem uma boa lembrança, é algo maior que eu... Minha avó, minhas tias, as orquídeas, são algemas de memória, entende?

MASSIMO: Não.

SUZANA: Claro, você só entende de buracos negros.

MASSIMO: E nem disso. O nacionalismo é o sarampo da humanidade, uma doença infantil, dizia Einstein. Me desculpa, mas não entendo, eu estou aqui falando para você do universo, das ondas gravitacionais, de astrofísica e você insiste em ficar presa no quintal de uma casa em uma cidade minúscula, que nem deve aparecer no mapa, onde havia uma tartaruga que não tinha nome.

SUZANA: Ela se chama Olímpia.

MASSIMO: Esse não é o ponto. Primeiro você está chateada, me liga, me convida pra vir aqui e...Olha, foi uma viagem longa, eu estou cansado...Não entendo como acabo aqui falando de uma tartaruga. Eu já conheço a história de toda sua família disfuncional, e não entendo como eu posso me relacionar com isso.

SUZANA: Claro, porque você nasceu de geração espontânea!

MASSIMO: Que?

SUZANA: Não me faça repetir.

MASSIMO: Não, não repita. Desenvolva.

SUZANA: Às noites, eu sonho que estou caminhando pela Rue de la Grange Aux Belles, e de repente essa rua me leva até à casa da minha infância. Todas às noites os lugares se misturam para mim, nos sonhos. Entende?

MASSIMO: Não.

SUZANA: Me desculpa! Mas... Eu não sei porque. Tudo o que eu sou é uma reinterpretação dessa casa, esse lugar é meu ponto de partida e não dá para saber onde se vai chegar sem levar em conta o ponto de partida.

MASSIMO: Espero que você não vá na velocidade da tartaruga nesse percurso. Mais vinho, por favor. *(Faz um sinal ao garçom, olha para ela e num arrebatado)* Olha, eu não estou aguentando mais. *(Massimo beija Suzana).*

Luz sobre mesa de Carmem e Ana.

CARMEM: Que bonito esse casal!

ANA: Qual? O casal que estava com aquele senhor gordo?

CARMEM: Não, não esse. O que está se beijando.

ANA: Ah!

CARMEM: Parecem tão parisienses.

ANA: Não devem ser. Este lugar está cheio de latinos e árabes.

CARMEM: Mesmo assim, parecem parisienses, como se tivessem passado por um banho de glamour, por isso coloquei minha boina, lá eu não uso ela nem morta, imagina: eu com uma boina vermelha no metrô de Caracas, vou parecer você sabe o que... Eu devia arrumar um namorado por aqui e vir de vez, assim não teria que voltar àquele pesadelo de país, cheio de gente medíocre, são todos medíocres, não respeitam o farol vermelho (*enquanto guarda na carteira alguns saquinhos de açúcar que estão em cima da mesa*), roubam no troco, porque na hora do troco ninguém sabe matemática, se fazem de idiotas, te tratam mal em todos os lugares, todo mundo é grosseiro, ressentido, começando pelos... Sabe o que mais? Você deveria me apresentar um homem, mas francamente, você só anda com gays e gente esquisita, bom, pelo menos nas fotos parecem esquisitas.

ANA: (*Entredentes*) Esquisitas, mas não medíocres.

CARMEM: Por isso você não tem namorado.

Luz sobre mesa de Alex e Laura.

ALEX: Morreu no banheiro. (*Referindo-se a Lorenzo*)

LAURA: Deus não queira!

ALEX: Não? E o que está te incomodando?

LAURA: Bom, não o adoro, mas também não é para tanto. Não sei se é ele ou você, mas...

ALEX: Eu? O que foi que eu fiz agora?

LAURA: Nada. Eu queria ir dançar no Sena. Desde que cheguei estou te pedindo isso, e já estamos indo embora e a única coisa que fizemos foi perseguir esse homem por toda Paris, conhecer seus amigos entediados...

ALEX: Não são entediantes.

LAURA: Falam de coisas que não me interessam.

ALEX: Falam em francês, Laura. Se você falasse francês, te interessaria.

LAURA: Tá vendo?

ALEX: Ok! (*Silêncio incômodo*).

LAURA: Desculpa. É tudo isso...essa viagem, este vestido sem sutiã, não estou confortável.

ALEX: Poderia ter colocado o outro, o vermelho que tirou da mala--

LAURA: Não, Alex, você não está me entendendo...Olha, se esse homem te contrata, significa que teremos que mudar pra Paris.

ALEX: Exato, e é isso que queremos, mudar para um lugar melhor onde haja uma oportunidade para a gente.

LAURA: Para você, Alex. E eu vou fazer o que aqui?

ALEX: Escrever! Continuar me ajudando nas reportagens, trabalho vamos ter.

LAURA: Você vai ter.

ALEX: Vamos ter. Olha, eu estou fazendo tudo isso por nós, você não pode ser egoísta.

LAURA: Mas eu estou escrevendo contos, Alex. Lá me sinto útil, aqui não sei do que falar, aqui não vai ter importância para ninguém, para esse homem nem sequer importa o que eu estou fazendo, para ele sou só a esposa do homem que entrevistou o chefão. Deve pensar que meu propósito de vida é colocar este vestido e sentar ao seu lado. Vamos embora daqui. Vamos fugir! Vamos para o Sena, o tempo está ótimo, e a essa hora tocam salsa e rock, vamos dançar! Também podemos colocar o cadeado na ponte e arremessar a chave...

ALEX: Ai, Laura. Não seja...Não seja infantil! (*Silêncio*). Pelo menos uma vez na vida pensa a longo prazo, na gente--

LAURA: Estou escrevendo um conto sobre uma tartaruga, bom, na verdade é sobre uma menina que lembra que tinha uma tartaruga, parece bobo, eu sei, mas na verdade ela quer--

ALEX: Para, Laura! Não sei o que você está fazendo, está sabotando uma oportunidade de--

LAURA: Também vou escrever sobre duas mulheres imigrantes que se encontram depois de muitos anos e...(Alex a olha com reprovação). Alex, aqui nada disso tem importância, eu aqui não importo, entende?

ALEX: Por favor, comporte-se como uma mulher adulta.

LAURA: Não! Não quero. Se você me permite, quero me comportar como um ser humano que—

LORENZO: Como estamos por aqui, pombinhos? Mais vinho ou pedimos de uma vez?

ALEX: (*Sarcástico*) Mais vinho, por favor.

LORENZO: E você, maravilhosa?

LAURA: (*Sarcástica*) Uma taça. Duas.

LORENZO: (*Faz graça*). Duas, três, quatro. Às pessoas bonitas não se nega nada. (*Laura sorri por educação. Lorenzo pede mais uma rodada ao garçom*). Me conta uma coisa, Laurinha, quanto tempo vocês têm de casados?

LAURA: Seis anos.

ALEX: Quatro, Laura! Os primeiros dois anos foram de namoro.

LAURA: Tá certo, quatro.

LORENZO: E que tal? Eu reprovei em matéria nupcial: quatro casamentos, bom, três, no último não me casei. Fiz bem, economizei um advogado. Belas mulheres mas no fundo incapazes de compreender a alma deste homem que passa mais tempo lendo e escrevendo que dando passeios e essas coisas... A primeiro eu traí com o livro que eu estava escrevendo. A segunda, com uma reportagem interminável sobre a Companhia Bananeira colombiana, aquela que García Márquez tanto falava. Você já leu García Márquez, Laurinha?

LAURA: Sim, é claro.

LORENZO: Claro. Bom, a terceira, foi com o jornal. Isso é um trabalhão, Alex. Você vai ver. Olha, as pessoas pensam que não, que um jornal latino-americano em Paris é um capricho, mas pouco a pouco nos tornamos uma ponte importante. O mundo é um só, como dizia minha mãe, e uma árvore que cai em cima de um idoso e o mata na Venezuela, afeta o neto que recebe dinheiro e estuda aqui em Paris. É um exemplo ordinário, mas o que eu quero dizer é que com tanta migração fizemos essas pessoas se importarem com o que acontece aos latinos, porque se deram conta que não são os únicos do mundo, sem contar que estamos na moda, e temos que tirar proveito. Nisso eu tenho me dado bem, no que não tenho me saído bem é com as mulheres, eu as vejo, toco nelas, eu as adoro, mas não as entendo, olho pra elas como criaturas misteriosas. Portanto, os seis anos de casamento e a sua reportagem sobre o cartel me fazem admirá-lo, Alex.

ALEX: Rapaz, não é para tanto. Admiração é o que nós temos por você, não é?

LAURA: Claro!

ALEX: Essa viagem tem sido maravilhosa graças a você, que tem nos ensinado tanto, nos apresentado tantas pessoas. Onde estaríamos agora sem você?

LAURA: No Sena! Como perfeitos depravados, ouvindo aquela música diabólica, porque é para lá que vão os turistas...Mas olha, que lugar agradável este aqui!

LORENZO: Sim, é bem bonito. Hoje é sexta-feira, não? Às sextas colocam tango e às vezes até tem dança.

LAURA: *(Entusiasmada)*. É?

LORENZO: Sim, já já você verá.

Luz sobre a mesa de Carmem e Ana.

CARMEM: Sinto muito por você, mas vai ter que pagar a conta, o cartão não passa, mas bom, isso não é estranho.

ANA: Você é minha convidada, fica tranquila. Fazia tanto tempo que não nos víamos, desde do colégio, não é?

CARMEM: Sim, desde o colegial!

ANA: Quando estudamos juntas, no segundo ou terceiro ano?

CARMEM: Nenhum dos dois, Ana, não estudamos juntas, eu estava em outra sala, não lembra?

ANA: Certo. Mas éramos amigas, né? *(Pausa)*. Lembro da vez que ficamos na mesma turma nas aulas de música.

CARMEM: Não, essa não era eu, eu nunca fiz aula de música.

ANA: Sério?

CARMEM: Te juro.

ANA: Que estranho. Eu lembrava que a gente era mais amiga.

CARMEM: Ahhh, já sei! Lembra da foto da formatura onde tinha todas as salas juntas?

ANA: Sim.

CARMEM: Então, lá estávamos juntas. Eu fiquei do seu lado na primeira fileira, o fotógrafo nos colocou juntas porque éramos as menores do grupo.

ANA: Sim, verdade, eu tenho essa foto. *(Silêncio incômodo)*.

CARMEM: Um brinde! Pelas lembranças e pela amizade.

ANA: Saúde! *(Pausa)*.

CARMEM: Mas no Facebook a gente tem bastante tempo de amizade, eu te adicionei faz oito anos e dou *like* em tudo que você posta. Quando vi você naquela foto na frente do Louvre, te escrevi. Lembra?

ANA: Sim, claro, eu te disse que estava às ordens.

CARMEM: E eu acreditei na sua palavra.

ANA: Claro, tudo bem. Não tem problema. Espero que fique à vontade na minha casa, eu moro em Les Lilas, um bairro nos arredores de Paris, num apartamento pequenininho, pequenininho mas acolhedor.

CARMEM: Tem elevador?

ANA: O que?

CARMEM: Elevador.

ANA: Não.

CARMEM: Mas não sei o que acontece com os franceses e os elevadores, se supõe que isso aqui é o primeiro mundo, minhas panturrilhas doem de tanto subir escadas, na Venezuela, que não tem nada que preste, pelo menos tem escadas rolantes. Como se chama seu edifício?

ANA: Aqui os edifícios não tem nome.

CARMEM: Tô falando.

ANA: Fica no número sessenta e cinco. Eu gosto, a única coisa ruim é que sempre passam ambulâncias e fazem barulho, mas eu já estou acostumada. Moro com Jad.

CARMEM: Com que?

ANA: Jad, um rapaz árabe que me alugou o quarto e nunca fica em casa, mas posso levar quem eu quiser que ele não se incomoda. Não temos muito em comum mas aprendemos a conviver. No primeiro dia que cheguei, ele deixou os pratos sujos, e eu pensei: tudo bem, vai lavar quando voltar. Dois dias se passaram e ele não voltou, no terceiro dia chegou, mas não lavou os pratos, então entendi que esperava que eu o fizesse, não sei porque. Então isso se tornou um acordo silencioso: ele deixa os pratos, e eu lavo, isso é a única coisa que me incomoda. Ah! E as brigas com a namorada, uma argentina, brigam aos berros, por telefone na maioria das vezes. De resto nos damos bem, nos vemos pouco, sempre com poucas palavras, tudo muito impessoal....E é curioso, porque sinto até carinho por ele. Bom, é quase um amigo....é um afeto estranho, nascido de um trato doméstico, ordinário mas constante, com doses de tensão e tudo. Os pratos sujos! *(Pausa breve)* Nossa! Fazia tanto tempo que eu não falava espanhol*, é muito bom, às vezes minha cabeça dói de tanto falar francês. Você tem certeza que não éramos amigas no colégio?

CARMEM: Não. Você andava com as esquisitas, ficava o tempo todo com a menina louca que escrevia poemas ou sei lá o que e com a aquela que acolhia gatos. Você lembra daquele dia que todo mundo jogou gelo nela no recreio?

ANA: Eu fui a única que não jogou, era minha amiga. *(Silêncio incômodo)*.

CARMEM: Mas no Facebook somos amigas, digo, eu e você, muito amigas, de trocar *likes* e essas coisas.....Sempre comento suas fotos. A propósito, como fico sem os filtros?

ANA: Oi?

CARMEM: Sem os filtros que eu coloco nas fotos, muito diferente?

ANA: Parece a mesma, acho.

CARMEM: Olha D-I-S-C-R-E-T-A-M-E-N-T-E para sua direita. *(Ana obedece)*. Tá vendo aquele homem?

ANA: Sim.

CARMEM: Faz tempo que ele tá me olhando. *(Ana volta a olhar)*.

Luz sobre a mesa de Massimo e Suzana.

MASSIMO: Então, não vai me dizer nada?

SUZANA: Ok. Sim. Suponho que tenho que começar.

MASSIMO: Você está tremendo?

SUZANA: Quando estou nervosa, eu tremo, pensei que você soubesse. Lembra aquela vez que você me perguntou? Quando fomos naquele show de música árabe, minhas mãos tremiam tanto que eu derramei o drink todo e você me perguntou: te deixo nervosa? Lembra?

MASSIMO: Não. *(Pausa)*

SUZANA: Acho que a gente devia parar de se ver.

MASSIMO: Ok. *(Toma um gole de vinho. Pausa)*.

SUZANA: Ok?

MASSIMO: Sim. *(Pausa)*. Bom, eu não posso te obrigar, não quero te obrigar. Só queria perguntar se você quer que eu pague a conta, quer dizer, se sua decisão de deixarmos de nos ver for muito urgente, eu pago a conta e vamos embora. Agora, se é uma decisão que pode esperar eu terminar de beber este vinho e o jantar que ainda não veio, conversamos mais um pouco, aproveitamos a noite e pronto.

SUZANA: Você não quer saber mais nada?

MASSIMO: Quero saber muitas coisas. A vida está cheia de mistérios.

SUZANA: Eu quero dizer sobre a minha--

MASSIMO: Bom, acho que já tenho o suficiente com a tartaruga e sua famí--

SUZANA: Eu quero parar de te ver porque me sinto sozinha, estar com você é uma solidão acompanhada. Você me fala de viagens, de conferências, de teorias, faz amor comigo no fim de semana, durante a semana não nos vemos, me manda mensagens, me envia presentes pelo correio, mas tudo é tão...correto, impessoal, não sei nada de você, de quem você é, tudo o que posso dizer sobre você é especulação, uma conclusão sem fundamentos. Não sei se você já teve sarampo, não sei se brigava com seu irmão, nem sei se você tem um irmão.....Você pode ser um psicopata, um ex-presidiário, não sei...E já estamos saindo há dois anos e meio.

MASSIMO: E que importância tem de onde eu venho? Essas bobagens não servem para nada...Olha, não queria te dizer, mas você é demasiado primitiva... Essas lembranças, todas essas bobagens sobre sua família e seu lugar de origem, não sei onde você quer chegar. Você está aqui. Eu estou aqui, sou o que você vê. Não há nada além disso.

SUZANA: E o que não se vê?

MASSIMO: O que?

SUZANA: As ondas gravitacionais.

MASSIMO: *(Ao garçom). Excusez-moi, ça fait un petit moment que j'ai comande um coq au vin. Je sais pas pourquoi mon assiett ne pas encore arrivé.*

Luz sobre a mesa de Carmem e Ana.

CARMEM: Tô te falando que faz um tempão que ele está me olhando. (*Carmem levanta e faz um gesto sensual*).

ANA: O que você está fazendo?

CARMEM: Deixando ele me ver, minha filha, mostrando que estou disposta, francamente, você não sabe de nada. (*Senta. Pega o menu*). Acho que está na hora de pedir, já estou com fome. Quero algo exótico! Coxas de rã! Ai, não. Isso não serei capaz de comer. Paca!

ANA: Que?

CARMEM: Paca!

ANA: Acho que isso não é muito comum aqui. Deixa eu ver o menu...*Soupe à la tortue*.

CARMEM: O que é isso?

ANA: Sopa de tartaruga...Talvez seja o mais parecido com paca.

Luz sobre a mesa de Laura, Alex e Lorenzo.

LORENZO: O vinho já está subindo, e acho que isso não é bom para um hipertenso. Vamos pedir?

ALEX: Já? Não, rapaz, estamos bem assim, vamos tomar outra taça. O que você acha, Laura? (*Faz um gesto de cumplicidade à Laura*).

LAURA: (*Percebe o gesto*)Sim, outra taça! Eu estou totalmente sem fome, talvez coma uma sobremesa mais tarde, mas agora... (*Som de bandonéon, colocaram tango para tocar*).

LORENZO: Não te escuto! (*Faz um gesto de que a música está muito alta.*)

LAURA: (*Gritando*). VI-NHO!

LORENZO: Viu? Eu te falei que colocavam tango. Agora sim a coisa fica boa.

Luz sobre a mesa de Massimo e Suzana.

SUZANA: *Cambalache* é um dos melhores tangos que existem. *(Cantarola por cima da música).*

MASSIMO: Meu pai era mecânico.

SUZANA: Ah!! Seu lado mecânico vem de família.

MASSIMO: Morreu. *(Pausa breve.)* Tinha uma oficina, entraram para roubar, levaram muitas coisas: peças de carro, borrachas, eu sei lá. Já tinham feito isso outras vezes, ele estava convencido que entravam por um buraco no telhado, subiu no telhado, um telhado de zinco um pouco inclinado, já era idoso...escorregou, perdeu o equilíbrio, caiu e bateu a cabeça numa pilha de blocos de cimento que havia colocado ali para aumentar a oficina. *(Pausa breve. Bebe um gole de vinho).* Minha mãe é árabe, libanesa de Beirute, fugiu da guerra, dezessete anos de guerra. Tinha uma casa no sul, o exército israelense destruiu sua casa....Uma bomba tem dois sons. O primeiro é quando a lançam, o segundo é quando cai. O segundo é alegre e triste ao mesmo tempo. Alegre porque se você escuta sabe que está vivo, triste porque sabe que outras pessoas morreram. Minha mãe dizia isso....Ela fugiu da guerra, se casou com meu pai, que era bem mais velho que ela. Vinte? Trinta anos? Talvez... Ele era italiano, se chamava Massimo, como eu. Os dois foram para Venezuela. Era temporário, estavam de passagem, os dois fugiam, meu pai também fugiu da Europa, da miséria do pós-guerra, bem antes da minha mãe, claro. Sabia que mesmo em tempos de guerra, as pessoas se apaixonam e estatisticamente a taxa de natalidade sobe? Isso é incompreensível para mim. O amor, em geral, é incompreensível... O caso é que minha mãe acabou se divorciando da religião. *(Sorri).* Tornou-se agnóstica. O que mais eu posso te contar? Não tenho muita conexão com a Venezuela. Dos meus pais herdei a sensação de que era um lugar de passagem, sempre me senti estrangeiro, aos quinze

anos fui para os Estados Unidos em um intercâmbio estudantil, um ano, também me senti estrangeiro lá, quando voltei meu pai morreu e também me senti estrangeiro, estrangeiro da vida, de uma morte que não compreendia, a situação política na Venezuela começou a ficar cada vez mais difícil e minha mãe voltou à Beirute e fui estrangeiro lá também, estrangeiro dela que fala uma língua que eu não conheço, estrangeiro da minha família que celebra o Ramadã. Meu pai falava italiano, minha mãe árabe, eu espanhol. Éramos uma família de poucas palavras, de muitos gestos, sim, mas sem muito o que contar uns para os outros... Não há tradução para uma guerra, tampouco para a solidão do meu pai, um camponês italiano que brincava com granadas e fumava com os soldados polacos.... Agora mesmo acho um pouco entediante te contar isso, mas se não vamos mais nos vermos, não vou deixar você com a ideia de que eu sou um ex-presidiário. Me dediquei à ciência e ali encontrei minha língua, minha pátria e minha religião, tudo ali tem resposta, ou pelo menos, ali posso formular minhas perguntas. Também não acredito no amor, no sexo sim, claro. *(Olha para ela fixamente)*. Uma pena, eu gosto mesmo de você, mas tudo bem, suponho que são apenas um monte de neurotransmissores excitados e de qualquer maneira logo eles iam decair...Meu lar são os livros...E se existe a alma, se há uma possível alma, com certeza se encontra presa na literatura ou nas teorias que sustentam o mundo e enobrecem o homem.

SUZANA: Não acredita no amor e sim no sexo...Bom resumo. Algo mais que eu deva saber?

MASSIMO: Sim. Lembra daquela vez que te tirei pra dançar?

SUZANA: Não.

MASSIMO: Talvez essa seja minha única anedota e quem sabe eu nunca mais fale dela. Aquela vez que te tirei para dançar fiquei muito envergonhado, percebi que não sabia fazer isso. Você dançava tão solta, a música fluía através de você e eu a escutava, mas era um inútil. Você teve vergonha, eu pude ver, não negue.

SUZANA: Não ia negar.

MASSIMO: E você foi dançar com outra pessoa...Não dei importância. Nem falamos sobre isso, mas todas às noites, depois do jantar, eu procurava tutoriais no Youtube e dançava, sozinho.

SUZANA: E?

MASSIMO: Quer dançar?

SUZANA: (...)

MASSIMO: Quer dançar? Quer?

SUZANA: Isso é tão estranho, Massimo—

MASSIMO: Quer dançar ou não?

Luz sobre a mesa de Laura, Alex e Lorenzo.

LORENZO: *(Um pouco mareado e afrouxando a gravata.)* Está fazendo muito calor, não?

Alex e Laura ao mesmo tempo.

ALEX: Sim.

LAURA: Não.

LORENZO: *(Solta uma gargalhada.)* Vocês são bonitos. Deus não me deu isso na distribuição, mas eu conheço três afrodisíacos infalíveis: poder, vinho e tango... E agora, aqui mesmo, temos todos. Um brinde a isso! *(Virando em direção a mesa onde está Carmem).* Estão vendo aquela moça ali?

ALEX: *(Apontando para Ana).* Qual? Aquela garota linda com uma cara triste que está ajeitando o cabelo?

LAURA: *(Olhando para Alex com um pouco de ciúmes).* Acho que se refere à outra, a que podia ser filha dele.

ALEX: Laura! *(Olha para ela com reprovação).* É que a Laurinha tem um humor tão ácido que--

LORENZO: Deixa ela! Me diverte. Laura é uma criatura rebelde, dessas mulheres difíceis de domar, nada dá mais sabor à vida que isso, Alex. *(Para Laura).* Sim, Laura, essa que poderia ser minha filha mas não é... Acho que vou tirá-la para dançar. Me dão licença, pombinhos?

Luz em ambas mesas.

CARMEM: Não olhe agora, mas o cara que estava me olhando está vindo pra cá. Que emoção!

ANA: Não me deixa aqui sozinha, Carmem.

LORENZO: *Excussez-moi,* de onde são essas belas damas?

CARMEM: Somos venezuelanas.

LORENZO: Imaginei. A mulher venezuelana se reconhece a 3 quilômetros de distância, tem esse *je ne sais quoi*.

CARMEM: *(Lançando um olhar de cumplicidade para Ana).* Ah, obrigada, o senhor também me chamou a atenção.

LORENZO: A partir de agora me chame de você, porque o tango não se dança com um "senhor". Quer dançar?

CARMEM: Claro! A Ana não se importa, não é, Ana?

ANA: Não, claro que não, vão lá!

Na outra mesa, Alex e Laura observam Lorenzo.

LAURA: Está bêbado!

ALEX: Não é para tanto, está alegre.

LAURA: Tá bom, e se sóbrio já é desagradável, bêbado é terrível. “Uma mulher difícil de domar”. Só faltou me chamar de “égua selvagem”.

ALEX: Como sempre, você está exagerando.

LAURA: Claro!

ALEX: E é bom mesmo que ele se embebede, que dance, que se distraia, porque não temos dinheiro para jantar. Você sabe, estamos com a grana contada, eu pensei que apenas tomaríamos uns aperitivos e agora ele quer jantar, vou morrer de vergonha.

LAURA: Bom, mas espero que ele não passe do ponto porque é um cardiopata, e se ele tiver um troço vamos ter que arrastá-lo até o hospital mais próximo e eu te juro que se eu tiver que passar por isso, eu te largo.

ALEX: Laura! Hoje você está insuportável, mais exagerada do que nunca.

LAURA: Não sei porque tínhamos que vir a um lugar que nem sequer podemos pagar, melhor dizendo, eu sei sim, pela sua ambição, pelo seu desejo de que esse homem te bajule por uma matéria que nem sequer foi você que fez.

ALEX: O que você disse?

LAURA: Que eu fiz, Alex, que eu escrevi, que eu te ajudei, mais do que ajudar, eu fiz oitenta e cinco por cento do trabalho, porque você não conta isso pra ele e vamos embora?

ALEX: Cala a boca! Não faça isso aqui e agora. Levanta e vamos dançar.

LAURA: Não quero!

ALEX: Laura, por favor, eu te imploro, se você quiser discutimos isso no hotel. Mas se você tem alguma consideração por mim, algum amor, não faça um espetáculo aqui.

LAURA: Estou colocando sabor à sua vida!

ALEX: Laura!

ATO II. Somos todos venezuelanos

A cena está completamente iluminada, os três casais dançam, todos fazem o mesmo passo de tango numa casualidade um pouco ridícula. A música muda para uma balada pop francesa. Luz sobre Massimo e Suzana. Os outros casais ficam na penumbra. Suzana e Massimo se abraçam para dançar a balada.

MASSIMO: *(Aperta Suzana contra o peito, fala romanticamente).* Um buraco negro é negro, não emite luz, por isso é difícil observá-lo diretamente. Mas em certas condições, um buraco negro, emite ondas gravitacionais, por exemplo, na última fase da absorção de outro buraco negro.

SUZANA: Que?

MASSIMO: *(Nostálgico).* John Ellis. Não sei. De repente, lembrei do que falou na conferência.

SUZANA: Quem?

MASSIMO: John Ellis, físico teórico do CERN e do King's College de Londres. *(Pausa).* Não vamos nos ver mais?

SUZANA: Não. *(Pausa).* Você lamenta?

MASSIMO: *(Suas palavras soam doces e pesadas, quase que com um ar de tristeza).* Eu acho uma pena, não entendo muito a razão. Mas tudo bem...Com um bom livro eu posso passar um mês numa maca, você me conhece.

SUZANA: Não, de verdade não conheço você.

MASSIMO: Hoje mais que nunca você está com esse ar de princesa árabe...

Escurece sobre Massimo e Suzana, luz sobre Laura e Alex.

ALEX: (*Enquanto dançam*) Laura! Você está pisando meu--

LAURA: É o que você merece, por me trazer aqui, por arruinar minha primeira viagem à Paris, por insistir para eu colocar este vestido sem sutiã que me faz sentir que a qualquer momento meu peito vai pular para fora...

ALEX: Ok. Escuta o que vamos fazer, vamos tentar dançar e distrair Lorenzo da ideia de comer, tomamos o vinho que temos, talvez pedimos outro, eu tenho vinte e três euros e você?

LAURA: Eu o que?

ALEX: Quanto tem?

LAURA: Ah, cinco, acho, de um troco que me deram--

ALEX: Tá. Me escuta, quando a gente for para a mesa, vou tocar na sua perna para que você me passe os cinco euros por baixo da mesa. Laura, você entendeu? É para a gorjeta.

LAURA: Por que simplesmente eu não posso colocar os cinco euros que tenho para a maldita gorjeta?

ALEX: Porque não! Laura, me escuta, por favor, presta atenção aos meus sinais!

Laura muda o passo repentinamente.

ALEX: Laura, você está me ouvindo? Posso contar com você?

LAURA: Tá bom, Alex... Era só o que me faltava.

ALEX: Não se assusta, agora vou te beijar.

LAURA: Que?

ALEX: É que estamos aqui discutindo há um tempo e fica esquisito. Laura, meu amor, só me acompanha, fechamos o negócio e pronto, te prometo... Laurinha, não vamos

ter que nos preocupar com mais nada, fim das dívidas, fim da angústia por dinheiro, se eu ganho, você ganha. Somos um time ou não? (*Beija Laura*). Isso, assim está melhor...Você vai ver: não vai esquecer dessa noite. (*Penumbra*).

Luz sobre Carmem e Lorenzo.

CARMEM: (*Enquanto dança com Lorenzo*). O senhor está bem?

LORENZO: Não, não estou nada bem quando você me trata de senhor.

CARMEM: Ai, perdão! Você está bem?

LORENZO: Bom, eu sinto um pouco de falta de ar, dificuldade para respirar, mas suponho que seja normal estando perto de uma mulher tão bonita.

CARMEM: Ai, meu deus!

LORENZO: Me conta, Carmem, o que você faz?

CARMEM: Bom, é... Eu sou comerciante, tenho meu próprio negócio.

LORENZO: Ah, é? Uma mulher de negócios, eu gosto: são poderosas, destroem corações... E de que negócios estamos falando?

CARMEM: Bom, eu vendo roupas, viajo pra Miami... digamos que, por enquanto, eu tenho uma loja virtual. Se chama "Papel da Moda"*.

LORENZO: Genial!

CARMEM: Sim, ultimamente com a questão das cotas e o rolo das passagens tem se tornado difícil para mim viajar e comprar mercadoria, mas eu adoro viajar, os idiomas, essas coisas. Então como tenho essa amiga aqui, Ana... Bom, somos melhores amigas do colégio e ela se colocou à disposição, e como (*com muita ênfase, quase calculando a reação*) eu acabei de terminar com meu namorado, tinha uma passagem comprada e

vim, passei por Barcelona, já é a terceira vez que vou pra Barcelona, mas não conhecia Paris, então aproveitei que essa minha amiga me ofereceu hospedagem e vim... Adoro Paris!

LORENZO: Há quanto tempo está aqui?

CARMEM: *(Olhando para o relógio).* Quase doze horas, mais do que um dia inteiro de trabalho.

LORENZO: *(Ri).* Adoro você, seu senso de humor, o humor é sinal de inteligência. *(Olhando-a fixamente).* Sinto muito pelo seu namorado. Escuta... podemos descansar um pouco? *(Aproximam-se do bar).*

CARMEM: Claro! E nem se incomode... Não precisa lamentar sobre meu namorado. Ele é um analfabeto que nunca saiu daquela joça, por isso é idiota, não conhece nada do mundo. Não combinava comigo, eu gosto de homens viajados, com experiência, os homens são como vinhos, quanto mais maduros, melhor.

LORENZO: Me envaidece sua filosofia. *(Olha para Carmem fixamente, coloca a mão em sua perna).* Carmem, estou me divertindo muito com você.

CARMEM: É mesmo? Que bom, pensei que não, você parece um pouco cansado, espero que não seja por minha causa, e olhando bem para você, seus lábios estão com um tom um pouco esverdeados. Você está se sentindo bem?

LORENZO: *(Tentando disfarçar o mal-estar).* Claro que yes!

CARMEM: O que disse?

LORENZO: Claro que yes!

CARMEM: Não. *(Pausa. Olha para ele).* Não, nããão! Não posso acreditar, você é Lorenzo Lamata, aquele jornalista que tinha um programa quando eu era muito pequena, nos anos oitenta, minha avó não perdia e sempre fala dele, de entrevistas com políticos, inclusive aquela famosa entrevista com o presidente... Claro! Sempre

encerrava o programa dizendo “Claro que *yes!* Nos vemos na próxima semana”. Minha avó ainda diz isso... (*Escurece*).

Massimo e Suzana param de dançar, sentam-se em um belo sofá que tem no bar.

SUZANA: Quero voltar para casa.

MASSIMO: Então não vamos ficar para jantar?

SUZANA: Não, para minha casa. Aqui eu não tenho casa, tenho um dormitório, um quarto com vista para a Torre. (*Olha fixamente para ele*). Massimo, talvez tudo seja mais simples. Não sei. Quanto mais alto se escala a montanha da razão mais dura é a queda diante do mistério.

MASSIMO: Nunca tinha escutado você falar assim.

SUZANA: Hoje é nossa última noite. De verdade, você nunca sentiu nada por mim? São só neurotransmissores excitados?

MASSIMO: (...)

SUZANA: É que eu não sei nada de você--

MASSIMO: Já te falei—

SUZANA: Não, você me deu informações, dados biográficos com um plus de opiniões pessoais. Mas o que há embaixo desse casco? Uma tartaruga pode resistir a muitas coisas, pode viver muitos anos, mas um dia acaba ficando estupidamente de barriga para cima e morre.

MASSIMO: Em 1968, um par de tartarugas russas se transformaram nos primeiros seres vivos a se aventurarem no espaço profundo.

SUZANA: Chega! Não me importa...Não quero saber em que ano as tartarugas foram para o espaço, não me importam todas essas teorias que você diz, eu quero você... Chega de datas e dados... Que é? E agora me olha assim? Claro, conheço esse olhar de...estranheza, como alguém que observa um quadro no museu e analisa suas formas, não, pior, me olha como se eu fosse um rato de laboratório. Te surpreende que eu me fique desse jeito, não é mesmo? Mas para sua informação, sim!!! Estou triste, incomodada e gritando (*sobe a voz*) e também estou apaixonada por você e também te odeio, tudo ao mesmo tempo. Estou brava! Brava não, furiosa! E, no entanto, devo falar, dançar com você e me despedir, te dizer adeus, já me despedi tantas vezes... da minha casa, da minha vida, dessa outra vida que também odiava e agora me sinto estúpida por querer voltar, por decidir voltar, voltar para depois querer escapar de novo e tenho medo que esse seja meu castigo e que eu tenha fazer isso mil vezes até desaparecer completamente, entende? Estou...estupidamente de barriga para cima, balançando as patas no ar, estou...Quero...Vou voltar para Venezuela!

MASSIMO: Quando estou sozinho--

SUZANA: Sim, já sei! Você lê todos esses livros para tentar entender, para se distanciar de si mesmo e de todos porque você tem medo, é um covarde--

MASSIMO: Eu--

SUZANA: Sim!! No fundo é isso que você é, um covarde, um inútil capaz de querer--

MASSIMO: Eu gosto—

SUZANA: (*Gritando*). Não, não! É que eu não sei quem é você, não sei QUEM VOCÊ É E...

MASSIMO: Eu pinto as minhas unhas.

SUZANA: Que?

Silêncio, ambos se dão conta que todos olham para eles. Pausa.

MASSIMO: E às vezes tiro fotos, folhando as páginas de algum livro, quase sempre científico, é um...pequeno gosto que eu tenho, não sei exatamente para que isso, mas eu não abriria mão desses momentos por nada, por ninguém, poderia passar um ano em uma maca mas se tenho um bom livro e...(Pausa) Apenas faço...e também danço.

SUZANA: Com as unhas pintadas?

MASSIMO: Não! Eu pinto as unhas, folheio as páginas de um livro, e às vezes danço à noite, depois de jantar, entro no YouTube, sigo os passos e --

SUZANA: Vou ao banheiro.

MASSIMO: Espera!

SUZANA: Vou ao banheiro!

Aparece o garçom com um prato.

MASSIMO: *Excusez-moi, mais, Qu'est ce que c'est? Je pense qu'il y a une erreur. Qu'est ce que c'est ça?*

GARÇOM: *Soupe à la tortue.*

SUZANA: O que?

GARÇOM: Sopa de tartaruga.

Suzana se vira para ir ao banheiro. Escuro.

Luz sobre a mesa de Ana, que ficou sozinha todo esse tempo, está entediada e cansada.

GARÇOM: *Vous allez bien, mademoiselle?*

ANA: *Oui. Mais alors que nous avons commandé le dîner et il n'a pas arrivé.*

GARÇOM: Vou agora mesmo averiguar.

ANA: Você fala espanhol*.

GARÇOM: Sim.

ANA: Pode me trazer uma água?

GARÇOM: Imediatamente.

Luz sobre a mesa de Laura, Alex e Lorenzo. Carmem está sentada com eles.

CARMEM: Que coincidência! Todos venezuelanos! Que lindo! Fiquei arrepiada!

LORENZO: Carmem é uma mulher de negócios, muito encantadora, que já está há doze horas em Paris.

LAURA: Ah! Entendi a nostalgia!

ALEX: *(Evitando que Laura diga algo imprudente.)* Isso merece um brinde! Pedimos outra taça?

LAURA: E a conta.

ALEX: *(Lançando um olhar fulminante à Laura)*. Está tarde mas não quero ir embora sem entrar em assuntos de negócios, tem coisas que ainda não falamos, não é, Lorenzo?

LORENZO: *(Entre a embriaguez e a descompostura)*. Bom, eu agora quero entrar em assuntos gastronômicos para então poder falar de negócios, afinal as boas decisões não são tomadas com o estômago vazio.

Alex e Laura olham para Carmem, que se senta incomodada.

CARMEM: Eu deixei a minha amiga sozinha, acho que deveria voltar para lá, ela deve estar entediada e vocês tem coisas para conversar.

LORENZO: Não, não, não, de jeito nenhum, que ela venha se sentar aqui conosco e falamos todos de negócios. Quer alguma coisa?

CARMEM: Bem, um vinho.

LORENZO: Laura?

LAURA: *(Seca)*. Vinho.

LORENZO: Tá vendo, as pessoas estão de dieta e me deixam de dieta também.

VINOOO PER TUTTI! *(Levanta para tentar brindar mas cai discretamente, fica sentado na cadeira. Laura não consegue esconder seu mau humor).*

LAURA: Vou ao banheiro. *(Sai)*.

Na outra mesa, o garçom leva água para Ana.

ANA: *(Pega uma pílula na bolsa e toma)*. Olha, acho que vou pagar a conta, minha amiga parece que encontrou companhia melhor. Está vendo aquela garota com boina vermelha e lenço listrado preto e branco? Diga para ela, por favor, vir até aqui, que eu não estou me sentindo bem.

GARÇOM: Está se sentindo mal? Posso fazer alguma coisa pela senhora?

ANA: Não, é que... Desculpa, você é de onde? Venezuela?

GARÇOM: Sim, e as senhoras também, as reconheci, não é raro isso aqui neste bar.

ANA: É, eu sei, venho bastante aqui, já deixei até meu currículo para trabalhar neste bar, mas nunca me chamaram, não insisti muito porque fica longe para mim e eu tenho pânico de pegar metrô. Às vezes prefiro ônibus, mesmo que demore o dobro para chegar.

GARÇOM: Pânico de que?

ANA: Ah...de tudo e de nada ao mesmo tempo. Na verdade, acho que é uma bobagem minha. *(Pega um cartão de visitas e entrega para o garçom)*. Eu trabalho nesse lugar, se precisar, estou às ordens. Imagino que esse seu trabalho canse muito, muito tempo de pé e andando de um lado para o outro. É um lugar muito relaxante, você pode comprar um cupom que dá direito à seis sessões e sai muito mais barato.

GARÇOM: *Le bar à sieste*. “O bar das sextas”. Concorrência?

ANA: Não exatamente. Não é um bar, só tem esse nome. É um lugar onde você vai para tirar a sesta, a especialidade da casa é o fish spa. Peixes doutores, você coloca os pés num aquário e esses bichinhos comem toda a calosidade com uma agradável e relaxante cosquinha. É uma pedicure natural.

GARÇOM: Uau! Eu e meus pés poderíamos colocar essa espécie tão nobre em extinção. *(Ambos riem)*.

ANA: Também é possível dormir por meia hora em uma maca por 15 euros. Enfim, eu gosto de trabalhar lá, me dá um pouco de paz. Me chamo Ana, se você se animar, me procure –

Carmem volta e o garçom se retira.

CARMEM: Ana, você tem que vir para aquela mesa, você não sabe, vai morrer quando souber, ainda bem que está sentada. Adivinha quem eu peguei.

ANA: O gordo da outra mesa?

CARMEM: Não!

ANA: Então não sei.

CARMEM: Lorenzo Lamata.

ANA: Quem?

CARMEM: *(Apontando para Lorenzo)* Lorenzo Lamata.

ANA: Ah, o gordo da outra mesa.

CARMEM: Ana, que falta de cultura. Você não sabe quem é Lorenzo Lamata?

ANA: ...

CARMEM: *(Imitando Lorenzo)* Claro que yes!

ANA: Ah! Claro!!! É ele? *(Virando para olhá-lo).*

CARMEM: Sim!!!

ANA: Veja só. E ele não é assim meio velho para você?

CARMEM: Ai, Ana, não seja tão terceiro-mundista. Nem parece você. Ele é um cavalheiro muito refinado.

ANA: Pois parece um pouco embriagado.

CARMEM: Inveja! Pura inveja. Não suporta que venhamos a este lugar e que eu encontre um homem como esse —

ANA: Carmem, por favor, desculpa não foi minha intenção--

CARMEM: Não, claro, eu entendo. Deve ser difícil para você estar aqui fodida, morando com um árabe, ou seja, nem sequer é um roommate francês... E aí, venho eu, conheço alguém famoso, damos match--

ANA: O que você está falando?

CARMEM: Eu que vim aqui como uma boa amiga te chamar para sentar na mesa com a gente.

ANA: Isso é uma loucura, você nem sequer o conhece.

CARMEM: Claro que conheço, todo mundo conhece, é Lorenzo Lamata, conheço menos você.

ANA: *(Indignada)* Claro que não, somos amigas!

CARMEM: Eu gosto dele, ele gosta de mim. É o destino.

ANA: Carmem, acho que você bebeu demais, olha, eu não gostei nada das coisas que você me disse. Mas estou disposta a passar por cima disso porque sei que deve ser o vinho e o cansaço da viagem. Vamos, já faz tempo que quero ir embora, já é tarde. Não quero voltar sozinha para minha casa.

CARMEM: De jeito nenhum, eu não vou a lugar algum, naquela mesa está o homem da minha vida.

(Black out).

ATO III. Aqui ninguém se conhece.

Em um corredor, duas portas, uma, o banheiro feminino, a outra, banheiro masculino.

Suzana encostada na parede, aparece Laura.

LAURA: Excuse me, are you in line for the toilet?

SUZANA: *(Ela parece afetada).* Yes... I don't know... I think it's locked from the inside, I think someone died in there... Que merda! *(Começa a chorar).*

LAURA: Fala espanhol*Você está bem? Precisa de ajuda?

SUZANA: Não, não, estou bem. *(Pausa. Continua chorando).*

LAURA: Você é da Venezuela? Digo por conta do sotaque, parece. *(Laura pega um lenço de papel e dá para ela).*

SUZANA: *(Pega o lenço e seca suas lágrimas).* Obrigada. Sim. Você também?

LAURA: Sim. Olha, se você precisar de ajuda, me fala, eu estou com meu marido e com Lorenzo La – com um cara muito desagradável, mas não é esse o ponto, digo se precisar fazer uma chamada ou sei lá... De verdade, não se sinta envergonhada.

SUZANA: Obrigada, mas não acho que você pode me ajudar. Você mora aqui?

LAURA: Não, estou de férias, quase indo embora já, fiquei uma semana conhecendo Paris com meu marido, na verdade viemos fazer contatos, ele é jornalista e acaba de publicar uma – que importância tem isso. E você?

SUZANA: Moro aqui há anos. *(Pausa, ambas esperam que o banheiro desocupe).* É um lugar maravilhoso onde não sei viver...Incompreensível, inexplicável....Vibrante. E, no entanto, eu não o conheço, tudo o que posso dizer desse lugar é especulação, uma conclusão sem fundamentos. *(Pausa, tensão).* Você visitou a Torre?

LAURA: Sim. *(Pausa).*

SUZANA: O Louvre?

LAURA: Sim, também.

SUZANA: Cartões postais... Não a conhece...é...é...uma sopa de imigrantes, de excentricidades, a soma de muitas loucuras, das loucuras do passado, das loucuras alheias e nossas também, se encontrando, se acasalando...Mas também é você com suas expectativas e as minhas, é um lugar que cumpre com tudo e no fundo nos decepciona. Bom, eu na verdade não a conheço. Ela é linda e assustadora...e todos os dias faz você se perguntar quem é, de onde você vem. E quando você acredita que sabe falar francês, descobre que não entende nada porque o francês se fala com o árabe, se fala com sotaques, se fala ao contrário, se fala de forma suja e de rua...
(*Pausa*).

LAURA: Você faz o que?

SUZANA: Eu?

LAURA: Sim.

SUZANA: Ah, eu estudei idiomas modernos e... cuido de cachorros e dou aula de espanhol e de salsa.

LAURA: É bailarina?

SUZANA: Não. Dou aulas de salsa. (*Pausa*).

LAURA: E por que estava chorando?

SUZANA: Bom, é...(*Pausa. Pensa*). Vim jantar com meu namorado, tinha muita fome e muita vontade de vê-lo, só podemos nos ver nos fins de semana, trabalhamos muito e... Pedimos frango ao vinho, não sei o que está acontecendo hoje, não costuma ser assim mas demoraram muito e quando finalmente trouxeram o prato, era sopa de tartaruga.

LAURA: (*Ri. Logo pensa que está cometendo uma imprudência*). Desculpa.

SUZANA: Eu sei que pode parecer idiota, mas eu jamais comeria uma sopa de tartaruga, na Venezuela eu tinha uma tartaruga chamada Olímpia.

LAURA: Uma tartaruga... (*Laura está em choque*). Chorava por isso?

SUZANA: É. Está vendo como você não pode me ajudar? Mas obrigada, de verdade.

LAURA: Você tinha uma tartaruga? Sério?

SUZANA: Sim, se chamava Olímpia, se chama. Ainda está viva.

A porta se abre, sai alguém do banheiro..

LAURA: Vai entrar?

SUZANA: Não. Perdi a vontade, vai você. Vou voltar para minha mesa.

Laura entra no banheiro. Escuro.

Luz na mesa de Carmem e Ana, Carmem está de pé perto de Ana.

ANA: Não, Carmem, eu não vou, esquece. Não conheço essas pessoas.

CARMEM: Que importância tem isso? SÃO VENEZUELANOS, ANA. Como você e eu.

ANA: Quero ir embora. Não estou me sentindo bem.

GARÇOM: Tivemos um problema na cozinha, pedimos desculpas pelo atraso. Tudo bem por aqui?

CARMEM: Sim!

ANA: Não! A conta, por favor e pode cancelar o jantar.

CARMEM: Você quer arruinar tudo, é isso. Não sei como você pode ser tão egoísta, má amiga! Eu confiei em você, até te trouxe um cocuy e agora me vem com essa.

ANA: Olha, se você quiser, conversamos em casa.

CARMEM: Não! Eu não vou.

ANA: O que?

CARMEM: Que não vou com você para lugar nenhum.

ANA: Ah é? E aonde você pensa em dormir?

CARMEM: Com Lorenzo, ainda que te doa, ainda que você não goste, eu vou com Lorenzo.

ANA: Ok. Você está louca! *(Pega um papel, anota um número e dá para Carmem).*
Toma, esse é o telefone da minha casa, anotei também o endereço. Se você se perder, me liga, tenho o sono leva mas se eu não atender, insista. Eu vou embora, estou esgotada. *(Ana pega sua bolsa para ir quando toca seu celular, para e pega o telefone da bolsa).*

Luz na mesa de Alex e Lorenzo.

ALEX: *(Brincando).* Enfim sós!

LORENZO: *(Bastante descomposto).* É bonita.

ALEX: Ah?

LORENZO: Carmem. É bonita.

ALEX: Sim, linda. Olha Lorenzo, eu, bom, antes de tudo quero te agradecer--

LORENZO: E jovem. Bonita e jovem.

ALEX: Sim, é mesmo, você é um verdadeiro galã. Agora, voltando ao outro assunto, Lorenzo. Você sabe como andam as coisas na Venezuela: nada bem. Sobretudo para mim que sou jornalista, cada vez está mais difícil, e depois dessa reportagem sobre o chefe...

LORENZO: Excelente reportagem. Um brinde!

ALEX: Saúde! O que eu quero dizer é que para mim é muito importante que alguém como você esteja disposto a--

LORENZO: Quase que eu esqueço, trouxe uma coisa para você. Meu último livro, é um guia turístico para latino-americanos temperado com um ou outro comentário mordaz, bem no meu estilo, aqui estão todas as dicas, não precisa de mais nada, a Torre, o Museu do Louvre. *(Tenta ficar de pé para pegá-lo, seus movimentos são desajeitados, luta contra a embriaguez ou o mal-estar, finalmente alcança o livro e o entrega para Alex).* O Pompidou...

ALEX: *(Lê o título). "Je t'aime, Paris".*

LORENZO: O arco. *(Cai e se recompõe).* Você tem uma caneta?

ALEX: É...Acho que sim. *(Procura no bolso da camisa, acha uma caneta e entrega para ele).* Aqui está!

LORENZO: Vou fazer uma dedicatória: "Para o homem que entrevistou o chefe mais pesado do Cartel das Tartarugas, com carinho e admiração de Lorenzo Lamata".

ALEX: Obrigado!!!! Caramba, Lorenzo, estou comovido, de verdade. Não sei como te agradecer--

LORENZO: Não me agradeça--

ALEX: Admiração sinto eu por você--

LORENZO: Não, eu por você--

ALEX: Não, não, eu insisto. Sou eu que...Vem, me dá um abraço! *(Se abraçam, Lorenzo cambaleia, Alex o segura).* Você está bem?

LORENZO: Sim, sim...vou ao banheiro. *(Sai. Mesa escurece).*

Suzana e Massimo na mesa.

MASSIMO: Cancelei o pedido, estou sem fome.

SUZANA: Acho que essa noite já deu. (*Pausa*). Alguém mais sabe?

MASSIMO: Não. Bom, sim. Minha mãe. Uma vez, em Beirute, quando fui visitá-la...Deixei o celular sobre a mesa enquanto tomava banho, ela estava ali, cortando o pão... O telefone tocou, eu escutei do banheiro, com certeza ela tentou calar, o telefone....O que ela viu também tentou calar, mas não pôde. Não sei como, porque razão ao ter meu telefone nas suas mãos—(*É interrompido pelo toque do celular de Suzana, ela vai atender mas de repente para de tocar*). Bom, o caso é que ela começou a olhar minhas fotos... Nenhuma com você.

SUZANA: Não, nós não temos.

MASSIMO: Certo, ela olhou uma foto da universidade que eu trabalho, um dia cinza muito bonito, você estava comigo quando eu tirei, logo, a próxima foto: eu passando as páginas de um livro, "*Le fantôme de la transparence*", e as unhas perfeitamente pintadas. (*Pausa*).

SUZANA: (*O celular volta a tocar, mas ela não atende*). E o que ela te disse?

MASSIMO: Disse: "Filho, creio que não seja mais necessário que volte a me visitar, mas se alguma vez tiver que voltar, não quero que deixe seu telefone perto de ninguém, muito menos dos seus tios", eu imediatamente entendi tudo. Não voltei a visitá-la.

SUZANA: Ela não te perguntou mais nada?

MASSIMO: Você quer dizer, se eu era gay ou algo assim? Não. Não perguntou e eu não sou, mas entendi que o amor está condenado ao fracasso, eu amava minha mãe, ela me amava, mas me amava porque não me conhecia. Percebe, Suzana? O amor é uma armadilha, na verdade ninguém conhece ninguém. Se você tivesse me perguntado quem era meu pai ou minha mãe, eu teria dito, também não é que eu esconda, mas você estava apaixonada, não precisava saber muito mais de mim, tinha sua própria versão de mim na sua cabeça, agora que dois anos e meio se passaram você quer saber, talvez porque se dê conta, intua o que está acontecendo, assim como um

viciado em drogas, você desenvolveu tolerância, o que é comumente chamado de "habituação". O que acontece é o os receptores neurais já se acostumaram com esse excesso de fluxo químico, agora você tem que aumentar a dose para seguir sentindo a mesma coisa, então precisa que eu te diga que sou um herói, ou um poeta, um valente...E eu, o que posso dizer, que sou um cientista que pinta as unhas. Não, você não que me conhecer, da verdade não quer. Suponhamos que você aceite, que decida continuar, porque talvez seja apenas uma extravagância sem importância, passado os anos, na nossa casa, aconchegante, decorada com modéstia mas com bom gosto, estarei eu, sendo profundamente eu com minha pequena perversão, e você suportará em silêncio, mas vai me odiar, vai odiar me ver lendo com as unhas pintadas, me ver dançando na frente do computador, e eu te odiarei porque apesar do seu esforço, Suzi, apesar do grande esforço que você tem feito em se abrir comigo nesses anos todos, eu também não te conheço, e nós tornaríamos a vida um do outro impossível até nos transformarmos em inimigos...(Pausa) E você? Você se conhece? Eu pinto minhas unhas, danço sozinho, sou um maluco, solitário, desavergonhado. Mas não deixaria de sê-lo por nada nem por ninguém, Susi. Você entende? O mistério somos nós mesmos. Você se conhece? Acredita que essa casa, suas tias, a tartaruga do demônio, te definem...mas você sabe até onde é capaz de chegar? Quanto você pode machucar? Qual é seu prazer mais selvagem? Não, Suzana, o amor é uma invenção ruim, eu agora mesmo olhando para você tão linda com esse gesto no rosto diria que te amo, mas é uma armadilha demasiadamente óbvia.

O celular volta a tocar, desta vez Suzana decide atender.

SUZANA: *(Olhando o número na tela)* É da Venezuela, que estranho...Alô?

Dessa vez, a mesa continua iluminada, Suzana se levanta e se afasta para atender a chamada. Durante a próxima cena, a vemos falar no telefone.)

Luz na mesa em que está Alex, sozinho. Chega Carmem, está um pouco alterada.

CARMEM: Cadê o Lorenzo, cadê todo mundo?

ALEX: Estão no banheiro. Aconteceu alguma coisa?

CARMEM: Sim, preciso falar com Lorenzo, urgente.

ALEX: Bom, espera ele aí, eu acho que não está se sentindo muito bem.

Tocam os celulares dos dois.

CARMEM e ALEX: É o seu ou o meu? *(Ambos atendem)*. Alô?

Escuro.

No corredor do banheiro, Laura sai do banheiro feminino e encontra Lorenzo encostado na parede, parece estar passando bem mal.

LORENZO: Laurinha...

LAURA: Lorenzo! O que você tem?

LORENZO: Sessenta anos, é isso que eu tenho, arritmia, hipertensão.

LAURA: Caramba, Lorenzo, você não parece nada bem.

LORENZO: É, não me sinto nada bem... *(Laura respira fundo e faz menção de ir)*.

Espera!

LAURA: *(Voltando)*. Você vai ao banheiro? Já está desocupado.

LORENZO: Não, vim aqui porque queria falar com você. *(Pausa. Lorenzo tem muita dificuldade para falar, leva a mão ao peito)*. Gosto muito do Alex. *(Pausa)*. Mas eu sei que você... Não quero fazer um escândalo com tudo isso... É difícil pra mim dizer, sei que é delicado e te compromete... Estive te observando e eu sei que você... *(Pausa)*.

LAURA: Ai, Lorenzo! Como você percebeu?

LORENZO: Eu sei que você...(Pausa).

LAURA: Olha, eu só o ajudei, bom, sim, é verdade, eu o ajudei muito, talvez... demais. (Pausa). Ok. Eu que fiz! Ele é um cara talentoso, só está bloqueado, está muito pressionado pela situação do país, pelas dívidas, temos muitas dívidas e... pra mim é mais fácil, não me custa nada, só não imaginei que ia chegar tão longe isso da reportagem...Você achou mesmo brilhante?

LORENZO: Sim.

LAURA: (Orgulhosa). Sério?

LORENZO: Sim, Laura, mas...

LAURA: (Muito entusiasmada). Uau!!! Mas você não acha que na última parte acabou ficando um pouco maniqueísta? (Pausa breve) Digo, afinal a ideia não era dar uma opinião política sobre todo esse assunto ou escandalizar ninguém, mas sim nos aproximar de uma forma mais íntima dessas figuras latino-americanas... Bom, ir desmontando o estereótipo do "O Chefe"... E se você me perguntar porque, eu te diria que é porque é necessário humanizá-lo para compreendê-lo, não deixa de ser um inimigo ou uma ameaça, mas... Se idealizamos o inimigo, estamos condenados a perder a batalha, você não acha?

LORENZO: Laura, por favor, me escuta. Não me sinto bem. Eu sei que você pode me ajudar. Gosto muito do Alex, mas não quero preocupá-lo, nem quero que ele me veja assim. Isso vai ser nosso segredo, não é, Laurinha? (Sente um dor forte, se queixa e logo se recompõe).

LAURA: (...)

LORENZO: O médico me proibiu, o vinho... Mas vocês, erguendo suas taças... Não queria estragar a festa...Olha, meu peito dói muito e tá difícil respirar, isso não é nada bom. Vá até à mesa, por favor, e pega urgente meu telefone, nos meus contatos tem o número de emergências médicas, liga por favor e peça que venham me buscar, então

volta aqui e te direi o que fazer, posso dar um jeito de ir embora sem que o Alex e a Carmem percebam, com sua ajuda, claro. Pode ser?

LAURA: (...)

LORENZO: Fiquei te observando, sei que você é uma mulher inteligente e que pode fazer isso sem que eles percebam. Laura, me escuta, você não pode contar isso para ninguém. Olha pra mim, posso contar com você? Laura! Laura?

LAURA: Sim.

LORENZO: É isso aí, Laurinha linda, não me deixe bater as botas, olha que estou escrevendo um livro, faltam pelo menos cem páginas, e lá fora tenho a Carmem, com essa mulher tem que aguentar o trote, dá pra ver. *(Tenta rir mas novamente é tomado por um forte dor)*. É bonita Carmem, e jovem...

Laura está prestes a sair, para, olha para Lorenzo, já quase deitado no chão, seu estado é realmente crítico.

LAURA: Lorenzo..

LORENZO: Vai logo, Laurinha, que eu não quero morrer essa noite.

LAURA: Você ia contratar o Alex?

LORENZO: Hã?

LAURA: Essa noite, o Alex, você ia contratá-lo?

LORENZO: Claro que *yes!*

Laura dá meia volta e sai. Lorenzo fica deitado de barriga para cima, como uma tartaruga. Escurece a cena.

Laura volta para a mesa, percebe-se uma pequena mudança. Alex está de pé, fala ao telefone e caminha ao redor da mesa.

LAURA: Acho que está na hora de pedir a conta. Onde está o garçom?

ALEX: *(Fazendo sinal de que está falando ao telefone)* Shiu, não consigo ouvir. *(Volta a falar no telefone)* O que? Tem certeza, mãe? Não, não sei de nada, estou aqui num bar com Lorenzo Lamata, por aqui parece tudo normal...Calma. Eu sei que é preocupante, mãe, mas a senhora tem que se acalmar.

LAURA: O que está acontecendo? *(Alex se distancia um pouco para ouvir melhor)*

CARMEM: *(Ao telefone)* Bom, ultimamente, quando é sua vez, é sua vez. Isso não entra na minha cabeça, você tem certeza?

LAURA: Tá acontecendo alguma coisa?

Todo o espaço está iluminado, como quando os casais dançavam.

ANA: *(Ao telefone)* Tem certeza? Aqui não sabemos de nada, bom, agora sim, sinto uma espécie de tensão no ambiente. Ok. Por que detiveram o Jad? Só porque ele é árabe? Não entendo... tá bom, sim...claro...

Em outra mesa, Suzana fala ao telefone. Massimo a observa.

SUZANA: *(Se levanta e se distancia um pouco)* Espera, o sinal está ruim! Tá cortando...agora sim...entendo. Não. Já estava indo para casa, mas... sim, de metrô...Ok. Por favor, não diga a ninguém que estou num bar, nem para minhas tias, nem para minha avó...Não quero que se preocupem, diga que estou em casa... vendo as notícias, sim...Que estou sabendo, mas que estou a salvo e muito atenta às notícias.

ALEX: *(Ao telefone)* Já estava indo para casa.

CARMEM: *(Ao telefone)* Acho que já estou indo para casa.

ANA: *(Ao telefone)* Sim, sim, estava exatamente pagando e indo embora.

SUZANA: *(Ao telefone)* Tá bom, acho que o melhor é permanecer aqui. Adeus!
(Voltando para mesa) Massimo, você não vai acreditar. Massimo? *(Não tem ninguém*

na mesa, o dinheiro da conta está em cima da toalha, Suzana olha, pega, olha ao redor. Massimo foi embora. Pausa.)

Todos ficam em silêncio, ouve-se uma explosão. Escurece.

Luz na mesa de Alex, Laura e Carmem.

LAURA: Alex, meu amor, tem razão, hoje estou insuportável, muito exagerada. Me desculpa, devem ser os hormônios...

ALEX: Laura!

LAURA: Me olhei no espelho do banheiro com este vestido e acho que fica muito bom em mim, tá vendo como sou...

ALEX: Laura, para! Está acontecendo algo muito grave.

LAURA: Não, não, não está acontecendo nada. Você sabe que às vezes eu exagero...

ALEX: Laura, cadê o Lorenzo? (*Carmem, que estava distraída em sua ligação, se aproxima da mesa para escutar*).

LAURA: Hã?

ALEX: Lorenzo, onde está?

LAURA: Ah! Está no banheiro, não? Bom...eu encontrei com ele no corredor, ele disse que se sentia mal do estômago, perguntei se ele precisava de ajuda, disse que não, que se a gente quisesse podia ir embora porque ele estava indisposto. Se você quiser, pedimos a conta, pagamos nossa parte e--

CARMEM: Eu não posso ir embora sem falar com Lorenzo.

ALEX: Eu também não.

LAURA: Alex, me escuta--

ALEX: Me escuta você! Parece que teve um ataque terrorista, invadiram um teatro!

LAURA: Como?

SUZANA: *(Aproximando-se da mesa deles. Fala para Alex).* Já sabe o que está acontecendo?

ALEX: Sim, bom, na verdade, não sabemos muito, minha mãe acabou de me ligar.

CARMEM: Estou lendo as notícias aqui no Twitter. Parece que é verdade.

SUZANA: É, o Bataclan, parece que explodiram várias granadas e o Massimo, meu namorado, desapareceu, estava falando com minha irmã e quando voltei, já não estava, foi embora, deixou o dinheiro da conta, acho que ele não sabe o que está acontecendo. Eu tenho que ir procurá-lo.

ALEX: Não, não podemos sair daqui, é perigoso.

CARMEM: Perigoso é o Gato Negro*, também não é para tanto, bom, de qualquer maneira eu não posso ir, estou esperando o Lorenzo.

ALEX: *(À Laura)* Talvez eu deva ir buscá-lo...

LAURA: *(Ficando em pé e pegando sua bolsa)* Eu acho que todos nós devíamos ir embora, não é bom ficar aqui se as coisas estão tão tensas.

SUZANA: Vou tentar ligar para ele. *(Pega o telefone e disca um número).*

ALEX: *(À Carmem)* Olha...sua amiga continua ao telefone, diga para ela vir pra cá.

CARMEM: Já não somos amigas.

ALEX: Mesmo assim, não deixe ela sozinha.

LAURA: A conta, temos que pedir a conta já!

ALEX: Laura, sei que você está nervosa com isso do atentado mas eu preciso te lembrar que temos um pro-pó-si-to.

Luz sobre a mesa de Ana, que ficou sozinha todo esse tempo. O garçom se aproxima. Ana está paralisada com o telefone na mão.

GARÇOM: Já sabe o que está acontecendo?

ANA: Sim...me sinto mal, estou enjoada...não quero pegar o metrô.

GARÇOM: Não precisa fazer isso, pode ficar aqui, mesmo assim não estamos seguros, estão atirando contra os bares...Ataques simultâneos...feridos nas ruas, as pessoas estão jogando lençóis pela janela dos edifícios para cobrir os mortos. Acabamos de fechar o terraço, mas não sabemos se estamos a salvos.

ANA: Vou avisar minha amiga!

GARÇOM: Ana, não tenha medo. Se quiser, eu acompanho vocês, você vai ver...ninguém vai morrer hoje, digo, não aqui. Eu posso te acompanhar até sua casa, eu não te conheço, nem você a mim mas --

ANA: Obrigada, de verdade.

GARÇOM: Semana que vem eu vou a esse pedicure *fish*, ou seja lá qual for o nome, mas isso sim, a sesta na maca vai ser por sua conta...Está se sentindo melhor?

Ana se levanta para ir atrás de Carmem na outra mesa.

ANA: (Sorri) Não, mas obrigada.

Em outra mesa, Carmem, Laura, Alex e Suzana. Barulho de explosão, todos se olham.

ANA: Escutaram?

CARMEM: Estou escutando faz um tempo já, mas pensei que eram fogos artificiais.

ANA: Carmem, sei que está chateada, mas isso é sério, tive dificuldades para me levantar da mesa, estava quase em choque.

CARMEM: Sim, já sei o que está acontecendo, mas não exagere, Ana, que não é para tanto.

ANA: Não podemos sair daqui.

CARMEM: “Podemos” é muita gente, eu vou com o Lorenzo, já te falei...

LAURA: (*Nervosa*) Eu digo que temos que sair já!

ANA: Não! Não podemos. Carmem, por favor, não é uma piada, a namorada de Jad acabou de me ligar, detiveram ele, estava caminhando, ia pegar o trem em Saint Denis para voltar para casa, a polícia o parou pela cara de árabe, estão o interrogando, acham que ele é suspeito. Estou muito preocupada.

CARMEM : Não estou falando? Agora parece que você mora com um terrorista, é que a gente não sabe quem tem do lado, não quero cair em xenofobia, mas é assim. Como saber quem é que está do seu lado se todos usam véus ou barbas? Ainda bem que vou embora com Lorenzo.

Toca o celular de Lorenzo, todos escutam.

ALEX: Sou eu, estava ligando pra ele mas o celular está aqui.

LAURA: Alex, deixa ele!

ALEX: Só me preocupa que ele não saiba nada do que está acontecendo.

LAURA: Por favor, ele está no banheiro, se sente mal do estômago, precisa de um pouco de privacidade.

CARMEM: (*À Ana*). Agora que não vou com você mesmo!

ANA: Carmem! Jad não é um terrorista! Que estupidez você está dizendo? É meu companheiro, o detiveram porque há muita confusão.

CARMEM: Como você sabe? Ele não vai dizer: “Ana, sou um terrorista, já volto, vou explodir o metrô”.

ANA: Cala a boca!

CARMEM: Como você mudou, pensei que éramos amigas.

ANA: Não, não somos, ninguém é, nem você, nem Jad, que só me chama quando precisa de um favor...Na verdade estou sozinha. Passei a noite inteira sentada, sozinha! Vou embora!

TODOS MENOS LAURA: Não!!!

ANA: Sim! Vou embora, estou cansada!

CARMEM: Sabe o que mais? Vai, pode ir. Que infeliz esse nosso encontro...eu gosto mais de você nas fotos. Vou procurar o Lorenzo.

ALEX: Isso!

LAURA: (*Tentando desviar a atenção*) Escutaram? Outra explosão.

Carmem para.

SUZANA: Não, não escutei nada.

ALEX: Nem eu.

LAURA: Carmem, melhor não ir ao banheiro, é perigoso.

ALEX: Laura!

CARMEM: Perigoso é o Gato Negro*, vou ao banheiro. O que pode me acontecer?

SUZANA: Massimo não atende!

ALEX: Procurou no terraço? Você tem o número de alguém para quem possa ligar? A mãe dele?

SUZANA: Não.

ALEX: Um amigo?

SUZANA: Não. Ele é sozinho. Foi embora. *(Pausa)*. Entendo. Não voltarei a vê-lo.

O garçom detém Ana quase na porta.

GARÇOM: Ana! Aonde você vai? Espera mais um pouquinho e eu te acompanho.

ANA: Não, obrigada, posso ir sozinha.

Outra explosão.

GARÇOM: Tem certeza?

ANA: Não, mas vou mesmo assim.

GARÇOM: Nos vemos semana que vem, vou te procurar e é bom que não aconteça nada com você porque quero provar essa maca.

ANA: *(Sorri)* Como você se chama?

GARÇOM: Andrés.

ANA: Tchau, Andrés, obrigada por tudo.

Ana sai. Andrés começa a recolher todas as cadeiras e mesas do bar, menos a que está ocupada.

SUZANA: Sabiam que até em situações de guerra as pessoas se apaixonam? As estatísticas dizem que a taxa de natalidade aumenta. Eu não entendo isso. No geral, não entendo o amor. Talvez seja apenas uma armadilha.

ALEX: Tomara que a Carmem consiga tirar esse homem do banheiro, em nome do amor.

LAURA: *(Levanta)* Vou embora sozinha, não aguento isso aqui nem mais um minuto, te espero no hotel.

ALEX: Senta, Laura! *(Ouve-se um grito aterrorizante. O garçom vai checar o que aconteceu)* O que houve agora?

LAURA: *(Tentando desviar a atenção com um ataque repentino e muito histriônico)* Vamos morrer, vou morrer, todos nós vamos morrer, não consigo respirar! Preciso ir para o terraço, socorro, estou sem ar!

Alex pega fortemente Laura pelos braços, ela se debate. Alex tenta controlá-la.

ALEX: Laura, por favor, o que está acontecendo? Você não é assim, eu te conheço--

SUZANA: Ninguém conhece ninguém.

LAURA: Me deixa!

Aparece o garçom junto com Carmem, que está desnortada e chorosa.

CARMEM: Não! Nããã! Por que comigo, Deus, por que comigo? NÃO! Que desgraça!

GARÇOM: Por favor, alguém cuida dela.

SUZANA: *(Abraçando Carmem que chora desconsolada)* O que foi?

ALEX: Eu vou buscar o Lorenzo, isso não está nada bem.

GARÇOM: Lorenzo é o senhor que estava com vocês?

LAURA : *(Rápida, com exagerado interesse)* Sim. Que aconteceu? Nos conte logo, por favor.

CARMEM: Lorenzo, meu Lorenzo...*(Suzana lhe dá um copo de água).*

GARÇOM: Está estirado de barriga pra cima, e acho que está...

ALEX: Bêbado? Dormindo?

GARÇOM: Morto. *(Pausa).*

Todos se olham.

ALEX: Morto? Não pode ser, ele estava no banheiro, se sentia mal, bebeu um pouco demais, mas daí a estar morto.

GARÇOM: Sinto muito. É realmente uma noite estranha.

Pausa.

ALEX: Eu tenho que falar com Lorenzo. Entendeu? *(Se enfurece cada vez mais)* Chama ele, por favor. Estou falando para você trazer ele aqui.

GARÇOM: Não posso.

ALEX: Isso é injusto, isso é injusto. *(Em um ataque, ele agarra o garçom pela gola da camisa)* Não tem graça. Vá ao banheiro agora e traga o Lorenzo aqui para esta mesa.

LAURA: Alex, por favor.

ALEX: Não, por favor, não! Hoje temos aqui nesta mesa, uma maldita reunião de trabalho, e não é possível que a gente não possa se reunir, concretizar um negócio... Isso é uma fraude, esse lugar é uma fraude, Paris é uma fraude. Eu disse para trazer o Lorenzo agora!

LAURA: Alex, chega!

GARÇOM: Senhor, ele está inconsciente, não tem pulso. Me solta, por favor! Eu não tenho culpa!

ALEX: Cala a boca!

LAURA: Alex!

ALEX: Cala a boca você também! *(Ao garçom)* Estou cansado, farto dessa merda, entende? Não, claro, você não entende, ninguém entende. Sabe qual é a única

verdadeira desgraça dessa noite? MINHAS DÍVIDAS! Sim! Minhas dívidas, que crescem e crescem como ervas daninhas e vão levando tudo embora: minha dignidade, meu sonho. Sabe há quanto tempo eu não durmo? Você sabe, Laura? Não, ninguém sabe. Maldito bêbado egocêntrico, tinha que morrer e assinar meu fracasso. *(À Laura)* O que você está me olhando? Está feliz, né? Deve estar.

LAURA: Não! Alex, não estou te reconhecendo.

ALEX: Claro que não, Laura, você não me conhece, nem eu me conheço. Supõe-se que sou trilingue, doutor, não isto, não essa fraude, um homem cheio de dívidas, com a cabeça vazia de ideias, com um monte de informação que não me serve para nada. Ah! E com uma meia furada. Tenho uma meia furada. *(Ao garçom)* Sabe por que? Porque faz muito tempo que eu não tenho dinheiro, muito tempo que eu não escrevo nada importante, muito tempo que não... Não me interessa... Taxa de mortalidade... Pandemia... Censura... Uma meia furada, Laura.

LAURA: Chega! Alex...

Alex chora. Esconde o rosto com as mãos. Pausa.

ALEX: A que horas sai o avião?

LAURA: Às 20:30h.

ALEX: Não quero voltar... Foi você que fez.

LAURA: *(De repente muito nervosa)* O que você está dizendo? Eu não...

ALEX: A matéria, sobre o chefe do Cartel das Tartarugas, foi você que fez. *(Pausa)*.

CARMEM: Eu te entendo, Alex, Lorenzo era... *(Chora)* Foi amor à primeira vista e agora está... Meu deus, que vou fazer? Para onde vou? Ana me deixou aqui encalhada, que desgraça a minha, eu não tenho dinheiro para ficar em um hotel.

SUZANA: Pode ficar na minha casa.

CARMEM: Sêrio?

SUZANA: Sim, na verdade é uma kitnet, pequenininha. Tem uma boa vista, da janela dá pra ver a Torre.

CARMEM: *(Mudança brusca. Seca as lágrimas)* Eu não fui à Torre! Não a conheço. É assim como se vê nos filmes? Você acha que pode me acompanhar em um passeio? Quero comprar uns chaveirinhos e essas coisas para colocar na geladeira...Bobagens para levar para a família. Ah! E quero uma dessas flanelas que dizem “Je t’aime Paris” Como é seu nome?

SUZANA: Suzana.

CARMEM: Suzana, a gente vai agora? Não deve ser tão perigoso. Como sempre digo: perigoso é o Gato Negro*.

LAURA: Nós vamos também. Acho que já podemos sair daqui.

ALEX: *(Sentado com o olhar perdido)* Não. Temos que esperar. Nos farão perguntas, alguém terá que explicar o que houve com Lorenzo. *(Pausa. Olha para Laura incisivamente)* Você o viu no banheiro. Ele te disse alguma coisa?

LAURA: *(Encolhe os ombros. Pausa.)* Me disse que....que te admirava por sua...vocação...

ALEX: *(Inexpressivo)* Ele ia me contratar. Tenho certeza que ele ia.

LAURA: Ou talvez queria só se divertir essa noite...Não sei, na verdade, eu não o conhecia... Já pagou?

ALEX: Não. Ainda não.

LAURA: Ah, quase esqueço. *(Se levanta, abre a bolsa, procura o porta-moedas, pega 5 euros com um gesto lento mas muito decidido, e olhando para Alex nos olhos, deixa o dinheiro sobre a mesa)*

ALEX: O que é isto?

LAURA: A gorjeta.

Sirenes de ambulância. Escurece a cena.

Notas da Tradução

* *Pelétipas, pelem pempéticas: referência a um trava-língua infantil conhecido (pg.8)*

* *“falcatruas para aumentar sua cota” no original “¿y tú, que viajabas dos veces al año a raspar el cupo?” Raspar el cupo: expressão venezuelana – devida a restrição de levar dinheiro em moeda para o exterior – transação ilegal para aumentar a cota de dinheiro limitada pelo governo para cada cidadão. (pg.9)*

* *Cocuy Lara: uma espécie de licor. Bebida alcoólica feita a partir da fermentação da planta cocui agave por artesãos das regiões de Falcon e Lara, na Venezuela. (pg.10)*

* *espanhol: durante todo o texto, algumas vezes os personagens vão fazer menção a estar falando espanhol mesmo estando na França por serem todos venezuelanos. (pgs.19, 36 e 41).*

* *“Papel da Moda”, no original “Papelón Fashion” (pg.31)*

* *Gato Negro, bairro da cidade de Caracas, Venezuela. (pgs. 53, 56 e 61).*